

GRUPOS DE FAMÍLIAS: UMA PROPOSTA DE PASTORAL FAMILIAR

Diác. Ellas Wolff
4º ano de Teologia

Introdução

Durante o ano de 1994, o tema da Campanha da Fraternidade, na Igreja do Brasil, apresenta-nos a Família como um desafio pastoral que precisa ser enfrentado no processo da evangelização. Os cristãos católicos têm a importante tarefa de aprofundar o conhecimento da sua realidade familiar, com vistas a tornar a família brasileira um verdadeiro espaço de realização da vida em todas as suas dimensões.

No intento de contribuir para a realização desse objetivo, procuro tecer aqui algumas considerações acerca da influência que as transformações sociais exercem sobre o indivíduo e a família em nosso tempo para, em seguida, propor o trabalho com os GRUPOS DE FAMÍLIAS como um meio prático de realizar uma pastoral familiar em nossa Igreja.

Este artigo nasce de uma experiência que há 4 anos venho realizando com Grupos de Famílias em um bairro do município de CORREIA PINTO, diocese de Lages, SC. Não é uma reflexão acabada, mas a continuidade de um processo e certamente tem os seus limites. Contudo, procura ser um trabalho coerente com os princípios de evangelização que a paróquia realiza, visando somar forças com outras iniciativas que buscam tornar a família cristã uma comunidade sacramental que viabilize o Reino de Deus.

1. A pessoa humana e a família numa sociedade em mudança

Começamos nosso estudo analisando uma questão que me parece importante para tratarmos do tema em discussão: a realidade de mudanças ininterruptas que atropelam as pessoas do nosso tempo.

Até parece que passamos a viver em função da mudança, preparando-nos para o amanhã

As transformações ocorridas na sociedade atual constituem um dos polos em torno dos quais as pessoas organizam (ou desorganizam) a sua vida. Até parece que passamos a viver em função da mudança, preparando-nos para o amanhã, o que virá no futuro, como o ponto de sustentação dos nossos ideais e valores de hoje. Estes já não mais se alicerçam na tradição passada ou no que está estabelecido como verdadeiro no tempo presente. Pelo contrário, o clima de mudanças constantes criou nas pessoas uma mentalidade relativista quanto aos valores que até há pouco eram apregoados como indispensáveis na orientação do comportamento. Eles podem ser verdadeiros, úteis, carregados de sentido, a partir da subjetividade de quem os analisa e da situação que condiciona a análise. Ora, como a subjetividade é consoante com a situação (porque é construída e vivida na situação), a tendência é afirmar como valor apenas o que sintoniza com a subjetividade numa situação específica, passando-se, conseqüentemente, a descon-siderar tudo o que se encontra fora dessa relação.

Considerando o fato de que os indivíduos que constituem o complexo social hodierno são afetados de um modo direto

pelas transformações econômicas, sociais, culturais, políticas... ali existentes, deduz-se desse fato que também no seu posicionamento religioso eles sofrem as interferências e mutações do todo social. Desse modo, se passam a assumir novos comportamentos frente à sociedade que lhes dá as coordenadas de ação no seu ambiente, novas posturas eles tomarão também frente à instituição religiosa que os orienta na sua expressão de fé.

Se o homem de hoje aprendeu a questionar o que a sociedade lhe apresenta como verdadeiro e necessário, não mais se contentando com o papel passivo na aceitação de respostas a perguntas que não formulou, esse aprendizado é utilizado também no seu relacionamento com a instituição religiosa que lhe transmite as verdades da sua fé. Assim, por exemplo, está cada vez mais difícil para o cristão atual aceitar, como modelo, experiências de fé vividas em outros tempos, por outras pessoas e em outras situações, que muito pouco (ou quase nada) se relacionam com o seu estado individual e social atual. A mentalidade relativista tende a afirmar como experiências legítimas de fé aquelas que sintonizam com o subjetivo e que, ao menos em parte, correspondem à situação concreta em que esse subjetivo se encontra.

A família é uma instituição social e, para nós, cristãos, sacramental a um só tempo

Como, porém, esse indivíduo não vive isolado mas, em geral, coabita com outras pessoas e integra uma sociedade (comunidade?) que se define como família, o seu modo de agir influencia determinantemente na estrutura familiar. Ora, a família é uma instituição social e, para nós, cristãos, sacramental a um só tempo. Como instituição social ela faz parte do processo de mudanças e de crise no qual vive a sociedade (o que parece ser um dado mundial). Parece já não ser mais possível nos dias de hoje afirmar, de forma tão categórica como se fazia em tempos não muito remotos, que a família é a "célula da sociedade"...

As mutações sociais atingiram a realidade familiar no seu centro de sustentação – a relação entre as pessoas. Como o relacionamento entre pessoas que pretendem constituir família e, ipso facto, conviver sob um mesmo teto – a que damos o nome de "lar" – só se sustenta se possuir determinados valores que garantam a relação (tais como: sinceridade, coerência, compromisso, fidelidade, amor mútuo...), podemos dizer que é cada vez maior o desafio que as famílias encontram para assegurar a sua sobrevivência com base nesses valores.

Assim como o adágio popular afirma que "cada ponto de vista é a vista de um ponto", podemos afirmar que não só a compreensão mas também a vivência dos valores da família passaram a ser analisados sob vários ângulos entre as próprias pessoas que se propõem conviver numa relação de família. Não poucas vezes o subjetivismo presente na relação familiar impossibilita a convivência, que só é possível na aceitação da verdade (ou da visão da verdade) que o outro apresenta para, no confronto (sem ser necessariamente conflitivo), se chegar a um consenso como superação dos pontos de vista parciais.

As mutações na realidade familiar seguem o ritmo da movimentação social. Com isso, surgem não somente novos

modelos de "relação" familiar, mas também novos modelos de "constituição" familiar, de modo que a família dos nossos tempos já não mais é a família de quatro, cinco décadas atrás. Isto quer dizer que, em geral, não se deve pretender encontrar na família atual as características que se encontravam até então. E se alguma semelhança ainda existe, isto acontece mais no meio rural onde o processo de mudança é mais lento e onde, em muitas regiões interioranas, a própria organização social resiste às mudanças bruscas.

O que realmente faz com que as pessoas se decidam a conviver é o afeto e propósito de amor que as une

As novas relações familiares (marcadas sobretudo pelo individualismo dos pais e dos filhos) e os novos moldes de constituição familiar (sobretudo os assim ditos casais "amasiados") levam-nos a uma nova compreensão da família também como instituição sacramental. Se por sacramento entendemos o rito que oficializa "catolicamente" a convivência familiar das pessoas, perceberemos rapidamente que este não é suficiente para garantir a sua própria finalidade. Mas, se entendemos por sacramento a graça de Deus comunicada às pessoas, veremos que essa graça se torna sinalizada de muitos modos, até mesmo entre famílias "catolicamente não sacramentadas". O que realmente faz com que as pessoas se decidam a conviver é o afeto e propósito de amor que as une. E onde está o amor verdadeiro aí está Jesus e toda a graça ("Onde o amor e a caridade, Deus aí está"...), visto que o amor verdadeiro é aquele que, se preciso for, dá a vida pela pessoa amada (cf Jo 15,13). Esse é o sacramento da graça vivida que sustenta inúmeras famílias nos dias de hoje. Mesmo quando, por vários motivos, não reconhecidas como oficialmente constituídas, elas procuram viver num verdadeiro espírito de família, devendo, portanto, ser acolhidas na comunidade (Nota do Redator: Confira, neste mesmo número da revista, o artigo de BRANDES, O., "A Pastoral dos Divorciados recasados", p. 14-18).

2. O "GRUPO DE FAMILIAS" como uma prioridade prática da pastoral familiar

Parece-me que um dos grandes problemas que hoje dificultam a pastoral familiar não diz respeito à teologia do matrimônio, à moral familiar, ou a problemas canônicos da constituição familiar. Por mais contundentes e pertinentes que sejam as questões daí levantadas, tenho a impressão de que o que realmente trava o trabalho da Igreja junto às famílias é um fator de ordem eminentemente prática. A Igreja tem já formulada a sua compreensão teológico-pastoral sobre a família. Falta-lhe, contudo, encontrar os meios práticos que viabilizem, de forma sempre mais eficiente e eficaz, o contacto "concreto" com a família. Só assim ela poderá ser ouvida e aceita na sua pregação.

E é com uma preocupação mais pastoral que teológica que pretendo compreender os GRUPOS DE FAMÍLIAS (ou "Grupos de Reflexão", como são chamados em muitos lugares) como um instrumento viável para a pastoral familiar ainda em nossos dias. Digo "ainda", porque há os que pessimisticamente pensam que o GF já teve o seu tempo, "não sendo mais viável", nem ele, na atualidade, para a evangelização...

2.1 O GF como experiência de comunidade

Um primeiro aspecto que vejo fortemente presente no GF é o rompimento com a concepção individualista da família, vista

como algo isolado "em si mesma". Por ser o GF a junção de várias famílias com uma finalidade específica (rezar, aprofundar a fé, celebrar...), percebe-se que a família é "mais" do que a unidade composta pelas pessoas que coabitam sob um mesmo teto. A família é uma comunidade, ela existe "como" comunidade e "na" comunidade. Se "família" e "comunidade" se correspondem e se integram a ponto de se confundirem no GF (no qual a família, sem deixar de ser família, é enriquecida pela comunidade), o trabalho que se desenvolve no GF atinge diretamente a família, tanto na sua individualidade como na comunidade.

Ora, em tempos do corre-corre em que vivem os agentes de pastoral, sobretudo membros do clero e da vida religiosa, está cada vez mais difícil desenvolver uma pastoral familiar voltada para a família individual. De modo que o trabalho com o GF torna-se uma alternativa prática no processo de evangelização que visa, antes de tudo, formar comunidade. E isso não apenas por razões pragmáticas, visando atingir um maior número de famílias em menor espaço de tempo, ou para fatigar menos o agente de pastoral. O motivo maior, sim, é o caráter **essencialmente comunitário** da experiência cristã (cf Jo 13,34 e At 2,42ss). É no encontro de pessoas, na troca de experiências, na partilha de vida, que acontece no GF, que as famílias vão aprendendo, cada uma, a viver com responsabilidade a sua fé e a conviver comunitariamente, construindo o projeto do Reino. Quando as famílias se aproximam umas das outras, tornam expressas não apenas as riquezas e qualidade que cada uma possui, mas também as necessidades e as limitações. Está, então, aberto o espaço para a solidariedade. A sensibilidade é despertada, de modo que cada família "faz sua a necessidade que a outra vive" (cf At 4,32). Assim, só é possível afirmar que "a libertação chegou a esta casa" (cf Lc 19,9: a palavra de Jesus a Zaqueu), quando a respectiva família adota as atitudes de Zaqueu convertido (cf Lc 19,8).

O motivo maior, sim, é o caráter essencialmente comunitário da experiência cristã

2.2 O GF como lugar e instrumento de evangelização

Compreendendo o GF não apenas como caminho para a formação da comunidade (embora isso seja verdadeiro), mas também como uma "comunidade de fato", torna-se consequente compreender o GF como o "eixo central" de toda a organização pastoral. No GF está o cristão que precisa receber os sacramentos e amadurecer na sua fé. Pois bem, uma vez que o GF chega ao nível de certa maturidade na sua organização e caminhada, não há porque não passar a assumir a responsabilidade de preparar seus membros, por exemplo, para a recepção dos sacramentos (praticamente todos eles: Batismo, Confissão, Eucaristia, Confirmação, Matrimônio, Unção dos enfermos, por serem sacramentos que possuem dimensão comunitária evidente). Prova-se, desse modo, que o GF é altamente evangelizador e vai aos poucos tornando-se o espaço por excelência da catequese e da formação cristã.

Devido à notável heterogeneidade na sua composição, não há iniciativa pastoral que, de um modo ou de outro, não vá convergindo para o GF. Por ele passam a pastoral catequética, a pastoral da criança, a pastoral do jovem, a pastoral vocacional, a formação permanente, a pastoral do dízimo... Toda a riqueza da Igreja encontra-se presente no GF, a começar pela presença de Jesus: "Onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, aí estou eu, no meio deles" (Mt 18,20)...

Como todo processo de evangelização tem como objetivo cumprir o mandato de Jesus à sua Igreja, *"Ide, e fazei discípulos meus todos os povos"* (Mt 28,19), é o GF um ambiente privilegiado para o despertar e a formação de lideranças. Muitos são os cristãos que, pela participação no GF, sentem-se motivados pelo Espírito a assumir um compromisso maior com a Igreja de Jesus Cristo, como nos atestam as Escrituras: *"Ao ouvirem isto, eles imediatamente o seguiram"* (cf Mc 1,18). Assim, *"a cada dia outras pessoas juntam-se aos militantes da fé na comunidade"* (cf At 2,47b), assumindo os mais variados serviços. São catequistas, ministros da Eucaristia, do Batismo, da pastoral do dízimo etc, que pela própria vida dão testemunho da sua fé.

Muitos são os cristãos que, pela participação no GF, sentem-se motivados pelo Espírito a assumir um compromisso maior com a Igreja

2.3 O GF e o compromisso social

Todo cristão é membro da Igreja e da sociedade a um só tempo, de modo que ele não vive confinado numa camisa de força *"intra Ecclesiam"*, mas é chamado a assumir atitudes e comportamentos também cívicos como verdadeiro cidadão, consciente das suas responsabilidades sociais. Há diferença, porém, no modo de uma pessoa cristã e uma não cristã viver na sociedade. Tal diferença não é perceptível nas atitudes externas do comportamento, mas encontra-se nas motivações que orientam e sustentam o agir social. Assim, todo cristão é convidado a pautar seu comportamento na sociedade por motivações e valores evangélicos, de modo que sua vida seja uma expressão coerente da sua fé.

Ora, o GF prepara o cristão para, na comunidade, dar testemunho da sua fé. E como militante cristão a pessoa é convidada a penetrar nas estruturas sociais que favorecem a realização do objetivo último da missão de Jesus Cristo: *"Eu vim para que todos tenham vida"* (Jo 10,10)... Portanto, é missão do GF fortalecer os projetos sociais que favorecem a vida, lutando, concomitantemente, para impugnar os projetos anti-vida. O GF cumpre esse papel conscientizando os seus membros para um engajamento político-social comprometido e solidário com aquelas pessoas que estão sendo excluídas do todo social, e impossibilitadas de usufruir dos bens que lhes garantam a vida.

Assim, a fé conduz o membro do GF à organização sindical, ao movimento popular, à associação de bairro etc, como compromisso evangélico com o Reino de Deus e a vida dos irmãos. Desse modo, estaria sendo omisso da sua responsabilidade o GF que pretendesse viver apenas de louvores e manifestações emocionais, olvidando que o Grupo só existe se for para dar testemunho do Evangelho. E esse testemunho não é apenas para os membros do Grupo ou para os fiéis devotos da missa dominical. É um testemunho endereçado também, e primordialmente, ao "cristão" ou não cristão que, fora do GF ou dentro dele, favoreça a projetos políticos que obstaculizem a vida dos empobrecidos da sociedade. Portanto, o GF não existe como fim em si mesmo, e nem é dono de si mesmo. O GF é, antes de tudo, um instrumento de Deus para a conversão da sociedade, concretizando as palavras de Jesus: *"Ide pelo mundo inteiro..."* (Mc 16,15)

2.4 A espiritualidade do GF

É preciso compreender o GF como um instrumento que Jesus utiliza para levar os homens ao Pai: *"Pai, quero que lá onde eu estiver estejam também todos aqueles que me deste"* (cf Jo 17,24). Jesus salva os homens em comunidade (cf Mt 16,18),

em dinâmica de Igreja, de modo que o GF é também o caminho que a Igreja percorre para cumprir a missão que Jesus lhe deixou. Assim, o GF é a base da comunidade eclesial, onde a junção de vários GF em torno do Evangelho constitui a visualização das CEBs, que são, por sua vez, caminho do Reino.

É preciso enfatizar esta última afirmação, porque não são poucos os que confundem GF e CEB. Há os que afirmam que o único objetivo do GF é formar CEBs, enquanto outros compreendem o GF como CEB pura e simplesmente. Numa tentativa de esclarecer a relação GF - CEB, vejo ser necessário alertar para alguns pontos que me parecem essenciais: 1) o GF está situado numa comunidade subdivida em vários Grupos, no intento de aproximar as famílias em torno da oração, da reflexão e ação evangélicas; 2) estes Grupos não são totalmente autônomos, dependendo de uma orientação e de subsídios que vêm de fora; 3) a ação do GF se direciona para os membros do Grupo, mas também para fora, para a comunidade maior; 4) o GF só existe com sentido se fortalecer a comunidade na qual se encontra.

Assim, fica esclarecido que, para além do GF, existe uma comunidade maior que o forma e orienta. Esta comunidade é a CEB (ou a própria paróquia). Ao mesmo tempo que esta influencia e dinamiza os GF, ela é influenciada e formada pelos vários GF. Creio que aqui se explica, ainda que não de modo cabal, a relação GF-CEB. Um(a) não existe sem o(a) outro(a). A CEB tem a missão de favorecer o convívio e a partilha de vida dos cristãos como vivência do Evangelho, encontrando no GF um excelente instrumento para realizar esse objetivo. Logo, entende-se que não é objetivo da CEB formar GFs só por formá-los, mas sim, através deles, evangelizar, construindo o Reino de Deus. E ela encontra no GF elementos que possibilitam de modo eficaz a concretização do seu ideal. Por outro lado, o GF tende a expandir-se formando uma comunidade maior, a CEB, a partir dos vários Grupos que compartilham a mesma experiência.

Para além do GF, existe uma comunidade maior que o forma e orienta

Só assim é possível falar de uma "espiritualidade do GF". Esta se fundamenta numa unidade de compreensão e ação evangélicas; numa comunhão real de vida entre seus membros; num compromisso concreto com a missão da Igreja. O Reino é a utopia do GF, e a Trindade é seu modelo. É a partir da heterogeneidade de seus membros e da diversidade de suas expressões de fé que se chega a uma experiência do Deus Trindade, e se experimenta o Reino com a possibilidade da convivência amorosa entre os diferentes.

Conclusão

Aqui vale a pena frisar, ainda, que o GF não tem por finalidade substituir as responsabilidades sociais e cristãs da família individual. Pelo contrário, o Grupo quer tão somente fortalecer a família para que essa tenha condições de bem cumprir o seu papel. Desse modo, não é, por exemplo, porque a catequese acontece no Grupo que, em casa, os pais possam se omitir da obrigação de educarem seus filhos na fé. Poder-se-ia, talvez, afirmar que o Grupo apenas procura orientar como as famílias podem melhor unir-se em torno de grandes temas de reflexão, oração e princípios de ação, que melhor conduzam à realização das funções essenciais da família.

Assim sendo, podemos concluir que o GF é uma resposta ao isolamento subjetivista no qual os indivíduos e as famílias estão se fechando em nossos dias, como observávamos no início

desta reflexão. O GF é essencialmente relacional, provoca o encontro de pessoas, possibilita a discussão, o diálogo, a oração e assim viabiliza, através das famílias, a construção comunitária do Reino.

NOTA

A experiência pastoral do autor, nos últimos quatro anos, esteve diretamente ligada aos Grupos de Famílias, doze (12) deles sendo por ele acompanhados. Calculando um número de 13 a 15 famílias na constituição de cada Grupo, estima-se que cerca de 150 a 180 famílias foram assim orientadas.

A principal inovação da pastoral familiar desenvolvida por esses Grupos da Famílias foi a tentativa de viver os sacramentos

no âmbito do Grupo. Assim, organizou-se a catequese da Primeira Eucaristia num trabalho em conjunto entre pais e catequistas, com manual específico para catequese familiar a ser desenvolvida ao longo de dois anos. Como resultado, cerca de 150 crianças já foram preparadas pelo Grupo para receberem o Sacramento. Além da Primeira Eucaristia, também o Batismo e o Matrimônio estão sendo preparados e administrados no âmbito do Grupo. Está a caminho, ainda, o projeto da Pastoral Vocacional, bem como outros serviços que comprometem o GF com a comunidade.

Endereço do autor:

*Seminário Teológico Dom Honorato Piazer
caixa postal 5041
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC*

MERCOSUL, la integración de los pueblos del Cono Sur?

Mauri Lutz Heerdt

2º ano de Teologia

Introdução

Neste estudo tratar-se-á do tema da integração. Tema que já esteve presente na luta de grandes personagens e movimentos populares da América Latina. O projeto de integração da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai retoma esta discussão. Mas surge uma série de questionamentos: Por que esta integração, e neste momento histórico? Qual o seu verdadeiro conteúdo? A quem interessa primordialmente? Quem o está conduzindo? Será este o tipo da integração do sonho da "Pátria Grande", pregada por pessoas que ainda hoje inspiram as lutas populares? O artigo pretende dar alguns sinais de resposta a esses questionamentos.

1. Conjuntura internacional

A economia mundial passa por um período de crise, com elevado grau de instabilidade e incerteza. Neste quadro, os países da América do Sul situam-se num grau ainda mais desfavorável, pois enfrentam a superação dessa crise com efeitos devastadores em suas economias.

Nas décadas seguintes, a bi-polarização EUA-URSS foi-se alterando

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os EUA acumulavam quase a metade da riqueza mundial. Nas décadas seguintes, a bi-polarização EUA-URSS foi-se alterando. Outros países entraram como grandes potências no mercado mundial. Enquanto os EUA concentravam seus recursos na área espacial e militar, os outros países investiram em diferentes setores de produção, principalmente na industrialização. "O Japão - cujo PIB total equivale à metade do norte-americano - aplicou, em 1989, 540 bilhões de dólares na ampliação, renovação e tecnificação da sua indústria. Os EUA, por sua vez, US\$ 517 bilhões" ⁽¹⁾.

Até 1984 os EUA dominavam 80% do mercado mundial de computadores. Em 1990, o Japão já controlava 43% e os EUA 41%. Esse fenômeno verifica-se também em alguns outros setores.

Por outro lado, a abertura econômica da URSS resultou em conseqüências sérias. Vê-se hoje, no Leste europeu, um conglomerado de países mergulhados numa grave crise. O desemprego, emigrações, privatizações... são algumas características.

Apesar dos esforços feitos pelas então duas superpotências, foi impossível manter inalteradas as correlações de força. Tanto os EUA como a URSS puderam tirar muitas vantagens da sua hegemonia, tanto a nível de expansão de indústrias quanto da competitividade de suas economias. Paulatinamente, porém, os países recuperados da guerra (Japão e Alemanha, principalmente) e outros que se industrializaram, modificaram os fatores da competitividade e se transformaram em sérios concorrentes da superpotências.

A economia mundial caminha para a globalização, onde a reciprocidade passa a ser a marca definitiva

Aos poucos, os mecanismos de regulação econômica internacional são inutilizados ou relativizados pela concorrência das potências em ascensão. Principalmente o dólar, como moeda universal, e o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), como regulador do fluxo de comércio internacional, e o FMI, criado inicialmente para resolver problemas de desajuste interno dos países membros, além de fiscalizar e coordenar o sistema monetário internacional, transformaram-se em ferramenta unilateral de intervenção dos ricos sobre os pobres, forçando-os a adequarem suas políticas internas aos seus interesses, ou seja, forçando o fluxo de recursos financeiros do Sul para o Norte. O Banco Mundial deixou de ser uma agência de promoção do desenvolvimento para transformar-se em financiador de projetos que atacam os sintomas da miséria do Terceiro Mundo e não suas causas ⁽²⁾.

Frente a esta situação de crise, apresentaram-se algumas tentativas de "solução":

a) *de ordem política e ideológica*: Percebe-se a ênfase dada ao "fracasso" do socialismo como alternativa para a classe trabalhadora, e a afirmação da proposta neo-liberal, isto é, a